

# Em vez de notícias das margens, um pedaço de horizonte: filosofia de Paul B. Preciado

INSTEAD OF NEWS FROM THE MARGINS, A PIECE OF HORIZON:  
PAUL'S PHILOSOPHY. B. PRECIADO

**Carolina Cantarino**

**Resumo • Abstract**

A proposta deste artigo é pensar com a filosofia de Paul B. Preciado as intensas transformações do mundo contemporâneo. Abordaremos os regimes de poder na/da sua filosofia e o modo como eles estão em sincronia com uma série de outras avaliações da filosofia contemporânea, compondo, dessa maneira, um esforço político coletivo para criar novos modos de pensamento diante de um mundo em transição, no qual o exercício dos poderes e a resistência política ocorrem na dimensão material intensiva dos corpos, da vida e da subjetividade. Trataremos também das políticas de identidade características da modernidade antropocêntrica e dos novos modos de subjetivação na atualidade.

*The purpose of this article is to think with the philosophy of Paul B. Preciado about the intense transformations of the contemporary world. We will address the power regimes in/of his philosophy and the way they are in sync with a series of other assessments of contemporary philosophy, thus composing a collective political effort to create new ways of thinking in the face of a world in transition, in which the exercise of powers and political resistance occurs in the intensive material dimension of bodies, life and subjectivity. We will also deal with the identity politics characteristic of anthropocentric modernity and the new modes of subjectivation today.*

**Palavras-chave • Keywords**

Paul B. Preciado; filosofia; poder; modos de subjetivação; cultura; contemporaneidade.

*Paul B. Preciado; philosophy; power; modes of subjectivation; culture; contemporaneity.*

Em vez de notícias das margens, um pedaço de horizonte. O título do presente artigo foi parafraseado do filósofo Paul B. Preciado ao dizer, na introdução do livro *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia* (2020, p. 28), ser a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário, confinada nos limites do capitalismo tecnocientífico. Preciado define sua transexualidade tanto como uma dissidência política do regime da diferença sexual característico da modernidade ocidental quanto a afirmação da multiplicidade da vida – daquilo que ela pode vir a ser –, o que lhe permite conectar sua transição sexual – e os corpos em mutação na contemporaneidade – à transição planetária em curso.

Para a filosofia de Preciado, as intensas transformações contemporâneas que emergiram após a Segunda Guerra Mundial – e que vêm se intensificando, desde então, com a aceleração capitalística – não podem ser avaliadas e enfrentadas com pensamentos e conhecimentos que operem ainda com os dualismos epistemológicos característicos do modo de pensamento moderno ocidental, aqueles que reproduzem oposições hierarquizadas entre humano e animal, masculino e feminino, heterossexual e homossexual, cisgênero e transexual<sup>1</sup>, branco e negro, nacional e estrangeiro, analógico e digital, centro e periferia – sendo a primeira delas a oposição entre natureza e cultura, que instaura a excepcionalidade humana característica do humanismo europeu e do antropocentrismo, como a colonialidade, por excelência, da modernidade.

Nesse sentido, para além da fixidez identitária promovida por esses binarismos que operam no mundo tal como o conhecemos<sup>2</sup>, os processos de transição são os que permitem melhor compreender as transformações sociais, políticas, ambientais e psíquicas em curso. A transexualidade, ao desafiar os dualismos e as violentas fronteiras políticas da diferença sexual, situa os corpos na perspectiva da travessia, da incerteza, do desconhecido e da imprevisibilidade, ou seja, a travessia torna-se uma perspectiva necessária diante da intensidade, velocidade e magnitude das mudanças em curso neste século XXI.

Propomos, portanto, neste artigo, pensar com Paul B. Preciado a travessia como perspectiva tal como ela se efetua em sua filosofia ao instaurar novas possibilidades de pensamento e de co-

[1] Segundo Preciado, o cis refere-se a um corpo que conserva o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Já o trans diz respeito a um corpo que se utiliza de tecnologias hormonais, cirúrgicas, protéticas ou jurídicas para modificar essa atribuição (PRECIADO, 2023a).

[2] Expressão utilizada pela filósofa Denise Ferreira da Silva para se referir ao mundo pós-iluminista e sua problemática e violenta distinção entre Humano (homem, sujeito, humanidade, subjetividade) e Coisa (corpo, natureza, objeto, mundo), característica da subjugação racial promovida pela escravidão (SILVA, 2024).

nhcimento. Consideramos que Preciado promove uma politização da filosofia na medida em que pensar e resistir politicamente ao mundo tal como o conhecemos torna-se uma única e mesma coisa em suas obras, já que o exercício da filosofia não é entendido nem como uma reflexão sobre o mundo nem como uma teoria separada da prática, mas como um modo de implicar o corpo no mundo para a produção de pensamento. “Não somos meras testemunhas do que ocorre. Somos o corpo através do qual a mutação chega e se instala”, escreve Preciado em *Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando* (2023b, p. 64), quando se dispõe à vulnerabilidade para escutar as forças do mundo em seu corpo em plena pandemia de Covid-19, fazendo da filosofia uma sismografia (PRECIADO, 2023b, p. 33) que detecta as intensidades do acontecimento e um modo de expressão para aquilo que, então, pede urgentemente passagem através do corpo, do pensamento e da escrita.

O efeito do pensamento exercido dessa maneira tende a ser o contágio potencializador das subjetividades que o encontram (ROLNIK, 2018, p. 90). Nesse sentido, o objetivo deste artigo é pensar com as linhas de força da filosofia de Preciado a partir do modo como elas afetam o corpo da escrita e de quem aqui escreve, assim como promover o encontro entre o pensamento de Preciado com outros modos de pensar presentes na filosofia contemporânea, levando-se em consideração suas ressonâncias tanto nas avaliações que estão sendo feitas sobre a atual configuração do capital e do funcionamento do poder quanto dos modos de produção de subjetividade neles implicados.

Para tanto, propõe-se 1) abordar a filosofia de Paul B. Preciado e os diagnósticos<sup>3</sup> do tempo presente: como os regimes de poder na/da filosofia de Preciado estão em sincronia com uma série de outras avaliações da filosofia contemporânea, compondo, desse modo, um esforço político coletivo para criar novos modos de pensamento diante de um mundo em transformação; 2) adentrar, com Preciado, o campo problemático das políticas de identidade, da diferença e dos modos de subjetivação em sua coexistência e/ou dissidência em relação aos exercícios do poder na atualidade.

Ao propor *pensar com* e não *sobre* a filosofia, o fazer da escrita no presente artigo constitui-se como pesquisa, adotando como procedimento metodológico o deixar-se afetar pela filosofia por meio da vivência proporcionada pela companhia e leitura espe-

[3] Utilizamos a expressão “diagnósticos do presente” inspiradas em Deleuze (1997) para quem a escrita possui uma *dimensão clínica* na medida em que realiza uma sintomatologia e diagnostica as forças que querem aprisionar e domesticar a potência criadora da vida, buscando, então, liberá-la, fazendo-a novamente fluir no ritmo da diferenciação que lhe é constitutiva.

cialmente dos seguintes livros de Paul B. Preciado: *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*, publicado originalmente em 2004; *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*, publicado pela primeira vez em 2008; *Por-notopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia*, publicado em 2010; e *Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando*, em 2022<sup>4</sup>.

## Diagnósticos do tempo presente

Há um modo singular de expropriação e abuso violento da materialidade da vida posta em movimento no mundo em que vivemos. Essa singularidade vem sendo nomeada de muitas maneiras pela filosofia contemporânea – veremos algumas delas a seguir –, interessada em pensar como o exercício dos poderes e dos saberes na atualidade, em sua interface com o capital, estão operando na dimensão material intensiva e molecular<sup>5</sup> dos corpos, da vida e da subjetividade. Trata-se de um processo cuja emergência diz respeito ao próprio surgimento do capitalismo e da modernidade assim como à escravidão, ao colonialismo e ao patriarcado que lhe são constitutivos.

[4] Ao longo do artigo, as referências bibliográficas serão feitas ao ano de publicação das obras de Preciado no Brasil.

[5] Molecular no sentido proposto por Deleuze e Guattari: o das singularidades, da microfísica, das moléculas, ondas, fluxos – da dimensão infinitesimal da matéria (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 370). Vale sublinhar que o livro *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* é o principal intercessor da filosofia contemporânea que está sendo abordada neste artigo.

[6] O livro *O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, de Silvia Federici (2017), é a principal referência de Preciado em sua abordagem sobre o patriarcado, o trabalho reprodutivo e a emergência do capitalismo.

As primeiras máquinas da Revolução Industrial não foram nem a máquina a vapor, nem a imprensa, nem a guilhotina, mas o trabalhador escravo da fazenda, a trabalhadora sexual e reprodutiva e o animal. As primeiras máquinas da Revolução Industrial foram as máquinas vivas. (PRECIADO, 2020, p. 132)

Paul B. Preciado ao abordar como o humano produzido pela modernidade – estritamente branco, homem, heterossexual, europeu – tinha por contraste o corpo das mulheres e dos negros escravizados reduzidos ao estatuto de animal e de máquina reprodutora. Essa animalização evidencia as raízes coloniais e patriarcais do humanismo europeu e as práticas de expropriação da vida constitutiva do capital. Aqui, o patriarcado – ou a heterossexualidade como regime também econômico – expropria o trabalho reprodutivo das mulheres (trabalho de gestação, trabalho de cuidado, trabalho sexual) produzindo um “mais-valor de gênero” importante para o próprio funcionamento inicial do capitalismo (PRECIADO, 2023, p. 117).<sup>6</sup>

A aceleração do capital a partir da segunda metade do século XX promove uma nova Revolução Industrial marcada pela virada cibernética (SANTOS, 2003) e pelas condições de possibilidade que ela cria para a emergência das biotecnologias (como as tecnologias transgênicas, as tecnologias de reprodução assistida e de criação da vida em laboratório com a fertilização *in vitro*), as nanotecnologias (que podem, tecnicamente, manipular a matéria viva em sua escala molecular, mais especificamente nanométrica), as tecnologias da informação e da comunicação (que convertem a vida em informação e padrões eletromagnéticos) e a inteligência artificial (e sua algoritmização da vida) que alteram radicalmente esses processos de reprodução da vida. Aliás, não se trata mais de “reprodução”, mas de “produção” da vida: agora todos os corpos humanos interpelados na sua materialidade viva estão submetidos aos mesmos processos de produção tecnobiopolítica (PRECIADO, 2023a, p. 117).

Seguindo-se a aceleração do capital, esse processo vai se estender a todos os corpos vivos, humanos e não humanos (PRECIADO, 2023b). Desse modo e com a companhia de uma série de outras pensadoras e pensadores contemporâneos<sup>7</sup>, Paul B. Preciado entende o funcionamento do capitalismo contemporâneo como esse processo de intensificação da expropriação da vida em sua materialidade. O regime extrai sua força do trabalho produtivo que passa a incluir, portanto, a própria produção da vida entendida agora a partir da sua dimensão ontológica.

De acordo esse *modus operandi* do capitalismo contemporâneo, Brian Massumi (2020), por exemplo, afirma que a produção de mais-valor (mais-valia) não pode mais ser reduzida somente ao trabalho – considerado, desse modo, como o único produtor de valor. O “mais-valor da vida” aparece, então, como um conceito mais amplo, que se refere, na expressão do autor, a “um excesso de vivacidade espalhado pelo mundo, selvagememente solto, carregando potencial criativo” (MASSUMI, 2020, p. 15). Por meio da quantificação e da economização, o capitalismo captura esse potencial criativo e o converte em mais-valor monetário. Massumi nomeia esse funcionamento como *ontopoder* (MASSUMI, 2020, p. 17) para se referir a esse aprisionamento da ontogênese, do vir a ser da vida, que ocorrem no que ele denomina como nível infraindividual – nível das potencialidades e da imanência da vida:

[7] As filosofias de Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Judith Butler, Monique Wittig e Donna Haraway são as principais intercessoras das primeiras obras filosóficas de Paul B. Preciado. No livro *Dysphoria Mundi* (2023), o filósofo amplia seus interlocutores mencionando, também, William Burroughs, Pier Paolo Pasolini, Gloria Anzaldúa, Audre Lorde, Frantz Fanon, Carla Lonzi, Aimé Cesaire, Édouard Glissant, Mark Fisher, David Graber – considerados “imprescindíveis para elaborar um projeto de desmantelamento da infraestrutura somatopolítica do capitalismo contemporâneo” (Preciado, 2023, p. 31) – além do diálogo com Angela Davis, Achille Mbembe, Giorgio Agamben, Antonio Negri, Bruno Latour, Andreas Malm, Roberto Espósito, Saidiya Hartman, Anna Tsing, Silvia Federici, María Galindo, os escritores zapatistas, Franco Bifo Berardi, Virginie Despentes, Annie Sprinkle, Beth Stephens, Vinciane Despret, Jack Halberstam, Yuk Hui, Nick Land, C. Riley Snorton – “vozes que estão construindo, agora mesmo, uma nova epistemologia que permita esta transformação planetária” (PRECIADO, 2023, p. 31).

O capitalismo encontrou meios de acessar de maneira produtiva as matrizes de emergência. Ele funciona, agora, cada vez mais no nível infraindividual, por onde quer que o capital flua – ou seja, por toda a parte. O capital se infiltra no nível afetivo do potencial sentido, antes mesmo de os potenciais vitais se concretizarem em determinada forma de vida – ali onde a vida ainda está por emergir. (MASSUMI, 2016, p. 10)<sup>8</sup>

[8] Na companhia de Deleuze, Guattari e Nietzsche, Brian Massumi defende a necessidade de uma reavaliação do valor, retirando a valorização do âmbito estritamente econômico do cálculo e da quantificação – e também da normatividade e do juízo moral – para devolvê-la ao que ela é: um modo de avaliação qualitativo, ético, posto no campo das intensidades e dos afetos. “A reavaliação do valor como algo irredutivelmente qualitativo precisa ser insistentemente deste mundo. Apelar a valores transcendentais, representados como qualidades morais, só eleva ao absoluto as restrições da normatividade” (MASSUMI, 2016, p. 27).

[9] Para Mbembe, a magnitude da brutalização da vida em curso desafia a própria experiência de pensamento, convocando à imaginação radical. As artes, por exemplo, são entendidas como atos vibratórios capazes de transpor os limites do que é dado como única realidade, criando outros movimentos para os fluxos vitais a partir da capacidade de reatualização de uma reserva de potência chamada África – o *vibranium* da Terra (MBEMBE, 2020; CANTARINO, 2022).

Achille Mbembe, por sua vez, prefere nomear esse processo como uma brutalização da vida. Partindo de um amplo material etnográfico, em *Brutalismo* (2020), o filósofo aborda uma série de procedimentos técnicos de extração – fraturamento, combustão, quebra, fissuração, depleção, intoxicação, punção, demolição – que estão interpelando os corpos vivos em sua dimensão material. Segundo Mbembe, por meio dessas técnicas, os corpos vivos passam a ser considerados, molecularmente, como dados digitais, células e/ou neurônios, sendo, desse modo, convertidos pelo capitalismo em matéria para extração de energia viva.

Seguindo Aimé Césaire, Mbembe lembra que a emergência desse processo se dá com a *plantation* escravista, primeiro laboratório biopolítico a operar a conversão dos corpos negros escravizados em mercadoria para extração de força vital. Agora, esse processo de conversão se estende a todos os vivos por meio de uma universalização da condição negra ou devir negro do mundo (MBEMBE, 2020; CANTARINO, 2022)<sup>9</sup>.

Já Suely Rolnik avalia que a modalidade atual do “regime inconsciente colonial-capitalístico” sustenta-se em uma cafetina-gem da força vital (ROLNIK, 2018). Entendida enquanto abuso da pulsão vital em seu nascedouro, a principal característica desse regime de inconsciente é a redução da subjetividade à experiência do sujeito, excluindo outras dimensões possíveis de experiência subjetiva fora da forma-sujeito, e que seriam imanentes à condição do corpo vivo atravessado pelas forças e as relações que agitam o fluxo vital – justamente a dimensão que, agora, interessa ao capital. Por isso, para Rolnik, em sua interlocução com Félix Guattari, a resistência ativa passa por um trabalho micropolítico de reapropriação dessa força vital para que se possa redirecioná-la para a criação de novos modos de existência: diante desse novo

modo de controle da vida, uma revolução molecular torna-se necessária. Assim como Rolnik, Maurizio Lazzarato (2014) também está interessado em pensar a nova configuração do capitalismo e o exercício dos poderes no mundo contemporâneo, especialmente na relação com os modos de subjetivação. Também inspirado em Guattari, Lazzarato afirma que pensar a produção de subjetividade implica considerar a interseção entre os dispositivos de *sujeição social* e os de *servidão maquínica*.

A sujeição social funciona por meio da atribuição de identidades e categorias, como raça, classe, gênero e sexualidade com as quais se produz sujeitos individuados. Esse processo opera segmentando/convertendo/reduzindo os fluxos vitais em dualismos e oposições hierarquizadas, aquele procedimento característico do humanismo europeu e do antropocentrismo erigidos pela modernidade – procedimento das políticas de identidade, da representação e do reconhecimento, das semióticas estruturalistas e significantes que produzem significados e sentidos no plano da cultura, do discurso e da linguagem. Por sua vez, a servidão maquínica opera na dimensão material molecular e intensiva da realidade, desidentificando os sujeitos, não mais unificados enquanto “indivíduos”. Nesse outro modo de subjetivação, o que se tem são “dividuais” que compõem *agenciamentos* cujo foco são as relações e os modos de engajamento e acoplagem nos fluxos vitais. Segundo Lazzarato, essa dimensão micropolítica é a da pragmática dos signos assignificantes que atingem/afetam os corpos e produzem novos modos de existência.

Lazzarato afirma que essa última dimensão tende a ser ignorada pelas teorias críticas<sup>10</sup>, ainda orientadas pelo humanismo e por sua política de identidade. Segundo ele, para se compreender os exercícios do poder e o funcionamento do capitalismo contemporâneo torna-se necessário levar em consideração essa dimensão molecular e seus processos de captura que se intensificam, principalmente, a partir da virada cibernética, após a Segunda Guerra Mundial.

## Os regimes de poder e o capitalismo na/da filosofia de Preciado

A filosofia de Paul B. Preciado compõe com essas avaliações sobre o mundo contemporâneo na medida em que está interessada

[10] Alain Badiou, Judith Butler, Slavoj Žižek e Jacques Rancière são os filósofos mencionados por Lazzarato (2014).

em pensar a dimensão material intensiva/infraindividual/molecular/maquinica/micropolítica do exercício dos poderes e da produção de subjetividade. “Difícilmente se encontrará descrição mais provocativa do niilismo biopolítico e capitalístico contemporâneo”, escreve Peter Pál Pelbart (2013, p.127-128) sobre *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* (2023a), obra na qual Paul B. Preciado adensa o chamado “regime farmacopornográfico” presente também em *Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia* (2022b).

Em *Pornotopia*, Preciado faz da revista *Playboy*<sup>11</sup> um laboratório de pensamento para abordar a emergência de novas práticas, tecnologias e discursos sobre gênero, sexualidade, pornografia, domesticidade e espaço público durante o período da Guerra Fria (PRECIADO, 2022b, p. 9). A cama giratória onde Hugh Hefner vive – instalada no quarto principal da Mansão Playboy – configura-se como um dispositivo de poder<sup>12</sup> que condensa a passagem da sociedade disciplinar para o que Preciado nomeia como era farmacopornográfica. Nessa transição, um novo modo de subjetivação também será produzido: o “sujeito Playboy”. Não mais o indivíduo moderno isolado e vigiado nas arquiteturas do panóptico e da prisão da sociedade disciplinar, descrita por Michel Foucault, e sim a masculinidade heterossexual prosteticamente conectada às novas tecnologias psicotrópicas (como a anfetamina) e às novas tecnologias multimídia da época (rádio, televisão, projetor e câmera de vídeo, telefone).

Acoplados entre si, imagens, corpos e drogas circulam num novo agenciamento que começa a se disseminar e que permite a conexão aos prazeres produzidos midiaticamente, que induzem uma certa experiência do corpo e dos sentidos, prefigurando a intensa relação prostética com outras tecnologias porvir.

Preciado define mesmo a sociedade estadunidense do pós-guerra como uma sociedade progressivamente prostética. Atento a essa dimensão, ele dedicará boa parte de sua obra à realização de uma genealogia da sexualidade centrada nos objetos técnicos<sup>13</sup>.

Nos livros *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual* (2022a) e *Testo Junkie* (2023a), Preciado escreve uma contra-história da sexualidade, ou melhor, uma história da contrassexualidade e da tecnossexualidade a partir dos objetos técnicos produzidos nos pós-guerra pela indústria farmacêutica e pela

[11] Criada por Hugh Hefner, empresário e editor-chefe, a revista *Playboy* foi lançada em 1953, tornando-se um império multimídia de entretenimento pornográfico. Hefner comandava seus negócios sem sair de sua residência, a Mansão Playboy – mais especificamente, sem sair de sua cama giratória.

[12] Michel Foucault é um dos principais intercessores da filosofia de Paul B. Preciado. O “dispositivo de sexualidade”, pensado por Foucault, é importante para Preciado, sendo definido como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (FOUCAULT, 1979-2008, p. 244).

[13] Aqui há uma evidente interlocução com Michel Foucault e sua genealogia do poder praticada num livro que interessa especialmente a Preciado: *a História da Sexualidade I: a vontade de saber*, publicado por Foucault em 1976 (OLIVEIRA, 2021).



indústria pornográfica – em suas variadas ramificações com os diferentes campos da medicina, das ciências e da indústria audiovisual – entre eles, a pílula anticoncepcional, o dildo, a testosterona, os implantes, as próteses de silicone, as cirurgias de redesignação sexual e a imagem pornográfica.

Esses objetos técnicos permitem ler nas entrelinhas da história não só o fim da sexualidade moderna, mas da própria oposição hierarquizada entre natureza e cultura, característica da modernidade antropocêntrica. Esses objetos são extremamente relevantes na filosofia de Preciado, porque são eles que operam na fronteira política onde ocorre a segmentação/conversão/redução dos fluxos vitais nos dualismos relevantes para a produção da heterossexualidade compulsória (WITTIG, 2022), constitutiva do regime moderno de diferença sexual, tais como homem/mulher, hetero/homo, cis/trans, sujeito/objeto natureza/cultura, promovendo um abalo nessas distinções e colocando tal regime em crise.

Trata-se das “criaturas de fronteira”, expressão de Donna Haraway (2009; 2018), bióloga, filósofa e teórica feminista importante para Preciado na sua abordagem material sobre a tecnologia, o gênero e a sexualidade. Preciado menciona algumas dessas criaturas de Haraway, como o ciborgue (híbrido de máquina-humano e realidade-ficção), a *FemaleMan* (livro de ficção científica feminista de Joana Russ) e o oncomouse (animal de laboratório geneticamente modificado e patenteado), atento ao modo como elas põem em curto-circuito as fronteiras entre o natural e o artificial, entre a natureza e a cultura. A relação com a tecnologia, que é tão importante para abordagem de Preciado, será pensada nessa chave proposta por Haraway<sup>14</sup> – a da produção tecnobiopolítica do gênero, da sexualidade e da vida.

Impressiona a pluralidade do acervo de “criaturas de fronteira”, criado por Preciado em sua genealogia da contrassexualidade – várias histórias de objetos técnicos são contadas em seus livros. No que diz respeito ao “regime farmacopornográfico”, Preciado destaca a invenção da pílula anticoncepcional no final dos anos 1950 (primeira técnica bioquímica experimentada pela endocrinologia que tornou possível separar a prática heterossexual da reprodução) e a Playboy (que produz uma sexualidade a partir da pornografia, que propõe, tecnicamente, induzir estados corporais de prazer a

[14] Vale lembrar, como já mencionado, que a existência dessas “criaturas de fronteira” tornou-se possível com a cibernética e a emergência das biotecnologias, nanotecnologias e tecnologias de informação e comunicação. O mundo do pós-guerra abordado por Haraway e Preciado é o mundo marcado pela chamada virada cibernética, que nasce da aliança política entre as tecnologias e o capital (SANTOS, 2003). Trata-se de um modo singular de conversão dos fluxos vitais por meio da informação que se torna o principal operador na fronteira entre a dimensão intensiva (do que existe enquanto virtualidade e potencialidade) e a dimensão atual da realidade, ou seja, a informação genética e digital também é uma “criatura de fronteira” que põe em movimento uma informática da dominação (HARAWAY, 2013) e um modo molecular de funcionamento do poder.

partir do consumo de imagens). A importância dos objetos técnicos<sup>15</sup> como “criaturas de fronteira” na filosofia de Preciado também diz respeito à sua perspectiva sobre a diferença sexual – os dualismos sexuais e de gênero tidos como “naturais” e “normais” pelo pensamento moderno ocidental. A produção tecnobiopolítica dos corpos permite expor a artificialidade dessa normalidade e romper com qualquer construção discursiva que queira naturalizar aquilo que é produção social<sup>16</sup> (ARAÚJO; ESPÓSITO, 2019).

Em *Manifesto Contrassexual* (2022a), Preciado lança mão tanto da desconstrução derrideana<sup>17</sup> – “(...) uma prática de infiltração e hibridação das linguagens que mina as funções normativas e naturalizantes das instituições políticas e sociais, submergindo-as numa deriva irreversível” (PRECIADO, 2022a, p. 209) – quanto da genealogia foucaultiana para dar visibilidade às tecnologias de repressão do orgasmo feminino e da homossexualidade durante os séculos XIX e XX que, segundo ele, colocam em risco a principal tecnologia heterossexual de (re)produção da vida: o intercursos sexual. Das luvas aos vibradores e cintos de castidade, das legislações que criminalizam a homossexualidade ao movimento higienista – muitas tecnologias são criadas para reprimir a masturbação que pode pôr em xeque o regime de sexualidade então dominante ao separar o prazer sexual e a reprodução.

Por isso, a pílula anticoncepcional é outra tecnologia/objeto técnico/“criatura de fronteira” tão importante na genealogia da tecnossexualidade, que será feita em *Testo Junkie* (2023a): ela expressa a transição da sociedade disciplinar para a era farmacopornográfica ao separar a sexualidade da reprodução. Como vimos, os objetos técnicos que virão com a cibernética vão intensificar essa separação na medida em que, no reverso da pílula anticoncepcional, a vida torna-se passível de ser produzida pelas biotecnologias. Aliás, como foi dito, não se trata mais de reprodução, mas de produção tecnobiopolítica: seguindo-se a aceleração da aceleração do capital, esse processo – que tem início no âmbito da diferença sexual e da heterossexualidade – se estenderá a todas as sexualidades ao capturar a dimensão intensiva e molecular da vida.

Essa ampliação é o que configura o “regime farmacopornográfico”, que cria, então, uma equivalência entre os corpos humanos já que “(...) todas as formas de sexualidade e de produção de

[15] Nessa individuação por meio dos objetos técnicos, há a presença de uma herança de Gilbert Simondon que, segundo Bryan Axt (2023, p. 7), chega a Preciado via Deleuze, Guattari e Lazzarato.

[16] É importante ressaltar que, tanto quanto a tecnobiopolítica de Donna Haraway, a teoria da performatividade de gênero, de Judith Butler, é crucial para a filosofia de Preciado (OLIVEIRA, 2023; AXT, 2023). A performance de gênero também permite expor a artificialidade da diferença sexual.

[17] Preciado foi orientado por Jacques Derrida em seu mestrado em filosofia e teoria de gênero na *New York School for Social Research*.

prazer e todas as economias libidinais e biopolíticas estão, agora, sujeitas às mesmas tecnologias moleculares e digitais de produção do sexo, do gênero e da sexualidade” (PRECIADO, 2023a, p. 118). Nessa molecularização do poder, os fluxos vitais passam a ser convertidos em excitação e prazer, tornando-se as matérias-primas por excelência para a extração de mais-valor pelo capital:

O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, o tecnosangue e os hemoderivados, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, o tecnoesperma, os antibióticos, o estradiol, o tecnoleite, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, os óvulos vivos, o citrato de sildenafil (Viagra) e todo o complexo material e virtual que participa da indução de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, e também no controle total e onipotente. (PRECIADO, 2023a, p. 36)

Nesse circuito global de excitação-frustração-excitação, a captura dos fluxos vitais e de desejo para convertê-los em prazer é feita pela indústria farmacêutica e pela indústria pornográfica em suas conexões com as tecnociências, a indústria audiovisual e as *Big Techs*. Os sujeitos a eles acoplados são dessubjetivados em fragmentos “dividuais”, informações ou componentes (células, neurônios, hormônios, dados), a partir dos quais são tratados maquinicamente em meio a agenciamentos específicos que interessam ao capital:

O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em pílula, nossa AIDS em triterapia, sem que seja possível saber quem vem primeiro: a depressão ou o Prozac, o Viagra ou a ereção, a testosterona ou a masculinidade, a pílula ou a maternidade, a triterapia ou a AIDS. Esse *feedback* performativo é um dos mecanismos do regime farmacopornográfico. (PRECIADO, 2023a, p. 31)

É assim que esse regime captura a materialidade intensiva da vida que Preciado prefere nomear, com Espinosa, de *potentia gaudendi* ou força orgásmica dos corpos. Caracterizada pela indeterminação, maleabilidade e plasticidade, a *potentia gaudendi* precisa dos objetos técnicos, farmacêuticos e midiáticos para convertê-la, tecnobiopoliticamente, num corpo vivo, materializando essa força orgásmica em excitação, transformando, desse modo, os fluxos vitais e os afetos em prazer (PRECIADO, 2023a, p. 39).

Esse corpo molecularizado e passível de ser explorado pelo capital altera o “sujeito Playboy” ao criar uma subjetividade, em que a forma-sujeito coexiste com outro modo de subjetivação, que produz um corpo que não existe individualmente, mas somente de maneira relacional quando está acoplado aos objetos técnicos que compõem o circuito biomidiático. Esse novo modo de subjetivação do “regime farmacopornográfico” produz, portanto, um corpo tecnovivo (geralmente, codificado como masculino, branco e heterossexual) farmacopornograficamente suplementado (por exemplo, pelo Viagra, a cocaína e a pornografia) e consumidor dos serviços sexuais oferecidos por trabalhadoras e trabalhadores sexuais pauperizados, imigrantes, racializados, codificados como femininos ou infantis. Segundo Preciado, a literatura de Michel Houellebecq é a que melhor fabula essa nova subjetividade contemporânea (PRECIADO, 2023a, p. 43).

### A contrarrevolução

A aceleração da aceleração do capital faz com que esses processos farmacopornográficos delineados por Paul B. Preciado sigam se expandindo ilimitadamente, já que os muitos mundos que o mundo contém estão sendo sincronizados nessa velocidade acelerada do capitalismo, que cria, desse modo, uma equivalência generalizada entre eles, desejando a totalização do mundo ou um mundo totalitário. A questão política mais premente (presente em Preciado e nas outras avaliações da filosofia contemporânea mencionadas anteriormente) é que, para que essa totalização se torne operacionalizável, uma aliança política será constituída entre o capital e as forças conservadoras e fascistas que ganham cada vez mais poder neste início de século XXI. Para pensar essa aliança e seu desejo de totalização – um poder exercido de ma-

neira totalitária –, Preciado, em *Dysphoria Mundi* (2023b), irá nomeá-la como “regime petrossexoracial”. Marcado pela destruição ambiental, pela violência sexual e racial, pela queima de combustíveis fósseis e pelo carnivorismo industrial (PRECIADO, 2023B, p. 42-44), esse regime de poder e modo de vida põe em movimento uma necropolítica que deseja destruir qualquer coisa que esteja fora dele:

O capitalismo petrossexoracial construiu no curso dos últimos cinco séculos uma estética: um regime de saturação sensorial e cognitiva de captura total do tempo e de ocupação expansiva do espaço, uma habituação ao ruído mecânico, ao cheiro de poluição, à plastificação do mundo, à superprodução e à abundância consumista, ao fim de semana no supermercado, à carne moída, ao suplemento de açúcar, a um acompanhamento rítmico da temporada de moda e uma exaltação religiosa da marca, uma insolente satisfação ao separar-se daquilo que foi concebido para a obsolescência programada e que pode ser facilmente substituído por outra coisa, um fascínio pelo *kitsch* heterossexual, uma romantização da violência sexual como base na erótica da diferença entre masculinidade e feminilidade, uma mistura de rejeição e exotização dos corpos antes colonizados, de terror e erotização das populações racializadas, que são expulsas para as periferias pauperizadas das cidades ou para as fronteiras dos Estados-nação. Definitivamente, um gosto pelo tóxico e um prazer inerente à destruição. (PRECIADO, 2023b, p. 43)

Dessa forma, o regime petrossexoracial é a contrarrevolução, uma espécie de *backlash* da modernidade antropocêntrica que vinha desmoronando desde meados do século XX. Para pensar essa contrarrevolução, Preciado promove, então, uma torção na categoria psicopatológica de “disforia de gênero” (que, desde 2013, substituiu a transexualidade no *Diagnosical and Statistical Manual of Mental Disorders* – DSM) para afirmar que ela diz respeito à defasagem entre dois regimes: o regime petrossexoracial e um novo regime que está emergindo, ainda que de forma sutil, através de atos de desobediência política. “*Dysphoria mundi* é a forma que a subjetividade

política assume entre o momento da ruptura do umbral de percepção da modernidade petrossexoracial necropolítica e a emergência da incipiente consciência de exterior em relação à epistemologia dominante” (PRECIADO, 2023b, p. 258).

A intensificação desse desajuste epistêmico que já caracterizava a “era farmacopornográfica” ocorre, segundo Preciado, com o acontecimento da epidemia de HIV/AIDS, nos anos 1980, um evento sem precedentes no que diz respeito à reorganização das tecnobiopolíticas do corpo e da sexualidade. A partir do acontecimento da pandemia de Covid-19, essa reorganização se estende a todos os corpos vivos – ainda que em diferentes graus de intensidade<sup>18</sup>. Para Preciado, a pandemia dos anos 2020 escancara vários processos em curso: evidencia a gestão necrobiopolítica dos corpos racializados, o colapso ambiental que põe em xeque a própria habitabilidade do planeta e nos confina de vez na vida digital e no capitalismo cibernético (CANTARINO, 2024), promovendo um controle da vida que não funciona mais na chave da obediência, mas da adicção, como uma “heroína eletrônica” (PRECIADO, 2023b) que instaura uma subjetividade viciada nas redes sociais, no prazer e no consumo:

O problema fundamental que enfrentamos é que o regime capitalista petrossexoracial colonizou a função desejanter recobrando-a com valores monetários, semióticas da violência, modos de objetivação consumista e submissão depressiva. A chave deste capitalismo petrossexoracial não é, como pensou Marx, apenas a produção e extração de mais-valia econômica, mas também a fabricação de uma subjetividade adicta, cujos desejos se amoldam ao processo de produção de capital e de consumo e de reprodução sexual e colonial. (PRECIADO, 2023b, p. 259)

## A revolução

Se o regime petrossexual de *Dysphoria Mundi* (2023b) é uma contrarrevolução, cabe perguntar: qual é a revolução que está acontecendo? Não é fácil dizer quando uma revolução começa, mas é possível sentir a vibração que ela produz nos corpos, diz Preciado

[18] “As filas de cadáveres em sacos plásticos e as fossas comuns na ilha de Hart no estado de Nova York, as incinerações sem ritual funerário ou luto colocaram brutalmente o corpo soberano das sociedades capitalistas e petrossexoraciais do Norte na situação em que estiveram e continuam a estar os corpos de refugiados, dos imigrantes, das classes pauperizadas, feminizadas e racializadas do Sul colonizados global” (PRECIADO, 2023b, p. 509).

(2023, p. 503), ou seja, estamos falando de uma revolução molecular que não para de vir a ser, de devir, de diferir de si mesma em diferentes práticas políticas, estratégias, modos de vida e de existência diante da totalização e da equivalência generalizada, desejada pelo poder e pelo capital.

Por exemplo, os movimentos ecológicos, transfeministas, indígenas e antirracistas estão desenhando juntos os novos contornos de um modo de subjetivação transversalizado em agenciamentos não antropocêntricos (PRECIADO, 2023b, p. 513). “Daí que os alvos da nova ‘perseguição neoliberal às bruxas’ sejam os coletivos feministas, homossexuais, transexuais, indígenas ou negros, que encarnam no imaginário conservador a possibilidade de uma autêntica micropolítica” (ROLNIK, 2018, p. 13), escreve Preciado no prefácio do livro *Esferas da Insurreição – Notas para uma vida não cafetinada*, de Suely Rolnik (2018). Essa é a revolução que já está acontecendo (PRECIADO, 2023; CANTARINO, 2024).

Além disso, diante do controle da vida exercido por meio da adicção e do prazer, há importantes processos de desintoxicação sendo postos em movimento ao se deixar de desejar. Por exemplo, o desejo reduzido à excitação, induzida pelo “regime farmacopornográfico” e pelo “regime petrossexorracial”, criando-se agenciamentos coletivos distintos das capturas e acoplagens praticadas por eles, numa “simbiose relacional”<sup>19</sup> (PRECIADO, 2023b, p. 523) possibilitada por uma série de práticas dissidentes: a desidentificação que rejeita os dualismos das políticas de identidade; a desnormalização que põe em xeque as definições normativas de doença; a emancipação cognitiva, perceptiva e sensível por meio de um esforço coletivo de produção de pensamento e de conhecimento; a desmercantilização das relações sociais; o autohackeamento, dentre outras possibilidades de experimentação política que estão em curso neste momento.

Segundo Preciado (2023b), o desafio político colocado para a revolução em curso consiste não apenas em desmontar, numa resistência reativa, o funcionamento dos regimes de poder e do mundo como o conhecemos, mas afirmativamente habitar as fronteiras para (re)inventar tecnologias que redistribuam a força vital de outras maneiras, para que o desejo e a potência de vida voltem a fluir e a possibilitar a criação de outros devires, novos modos de subjetivação, vida e existência.

[19] Os “simbiontes políticos” são postulados por Preciado em *Dysphoria Mundi* (2023b). Em obras anteriores, Preciado mobilizou, por exemplo, o conceito de “Multidão”, de Antonio Negri e Michael Hardt, para pensar em Multidões *queer*, mas recusou posteriormente essa figura política por ela ter se cristalizado numa identidade (AXT, 2023). Vale ressaltar que os simbiontes políticos constituem-se como um outro modo de subjetivação fora da forma-sujeito e da identidade.

“Quis experimentar com a testosterona. Adoro sua viscosidade, a imprevisibilidade das mudanças que provoca 48 horas depois da aplicação. E sua capacidade, se as aplicações são regulares, de desfazer a identidade (...)” escreve Paul B. Preciado (2020, p. 28) ao narrar o início de seu processo de transição sexual. A experimentação política aqui é a desidentificação de si mesmo num combate político com as tecnobiopolíticas que incidem em seu próprio corpo, ou seja, as fronteiras (tecnobio)políticas a serem habitadas estão em nós mesmos, e a luta política não é mais pelo reconhecimento de uma identidade, mas pelo direito de diferir de si, diferir do poder que insiste em nós.

O hormônio testosterona é uma “criatura de fronteira”, um objeto técnico mobilizado tanto na naturalização da masculinidade promovida pelo “regime petrossexorracial” em sua defesa das fronteiras binárias entre o masculino e o feminino, quanto nas acoplagens do “regime farmacopornográfico” à indústria farmacêutica e à pornografia. O que Preciado faz é alterar o funcionamento dessa substância química, retirando-a desses circuitos de poder, agenciando-a de uma outra maneira, em outras relações, praticando, portanto, o *hacking* de uma tecnobiopolítica dos regimes de poder para diferir de si mesmo. É desse modo que Preciado compreende a transexualidade.

Ao hackear a tecnobiopolítica, a criatura de fronteira entra num devir monstruoso aos olhos desses regimes de poder, já que se torna ininteligível para eles. “Os corpos tecnológicos não estão nem-ainda-vivos ou já-mortos: somos metade fetos, metade zumbis. Assim, cada política de resistência é uma política de monstro” (PRECIADO, 2023a, p. 39-40). O monstro passa a disputar as fronteiras políticas da individuação e da subjetivação com os poderes e o capital e nesse embate entre a revolução molecular e a contrarrevolução petrossexorracial em curso, o combate nunca se encerra:

Eu queria tornar-me um desconhecido. (...) Desfiz a máscara de feminilidade que a sociedade havia colado em meu rosto até que meus documentos de identidade se tornassem ridículos, obsoletos. Depois, sem escapatória, aceitei identificar-me como transexual e ‘doente mental’



para que o sistema médico-legal pudesse me reconhecer como corpo humano vivo. Paguei com o corpo e o nome que carrego. (PRECIADO, 2020 p. 29)

Aqui, de algum modo, ocorre a quebra de expectativa de estabilidade e de conquista de uma completude que pode envolver a percepção de uma transição sexual “bem-sucedida” e finalizada (LIMA, 2023). O monstro confunde as matrizes de inteligibilidade dos regimes de poder, evidenciando novamente sua artificialidade, embora não deixe de problematizar a passabilidade e a legibilidade<sup>20</sup> que adquiriu com sua transição sexual e a captura dela pelo poder médico-jurídico e sua lógica identitária. Contudo, segue-se habitando a fronteira, a travessia, nas brechas da *dysphoria mundi*. “Minha in-existente existência como homem trans é, ao mesmo tempo, o clímax do antigo regime sexual e o princípio do seu colapso, o fim de uma progressão normativa e o começo de uma proliferação futura” (PRECIADO, 2020, p. 29).

[20] Por exemplo, numa entrevista a Jack Halberstam, Preciado problematiza a passabilidade e a legibilidade de seu corpo como homem branco após sua transição sexual. Entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yJge51E4WMY&t=742s>. Acesso em 30 de setembro de 2024.

## Referências

- ARAÚJO, B. P.; ESPÓSITO, Y. B.** Passeios ontológicos por Testo Junkie: a produção das subjetividades-corpo. In.: *Cadernos de Subjetividade*. Ano 13, n. 20, 2019.
- AXT, B.** Metamorfoses simbiopoiéticas em Paul B. Preciado. De sujeitos a simbiotes políticos. In.: *Resistances*. Journal of the Philosophy of History. Volume 4, Edição 7, 2023.
- CANTARINO, C.** Devolver o mistério ao humano – ressonâncias cosmopoiéticas e alteridades radicais. In.: *ClimaCom – Políticas Vegetais*, Campinas, ano 9, n. 23, mai. 2022.
- \_\_\_\_\_, **C.** A revolução já está acontecendo. In.: *Jornal da Unicamp*. Campinas: 13 de março de 2024.
- DELEUZE, G.** *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- \_\_\_\_\_, **G;** **GUATTARI, F.** *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FOUCAULT, M.** *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HARAWAY, D.** Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In.: Tomaz Tadeu (org). *Antropologias do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009, p. 33-118.
- \_\_\_\_\_, **D.** *Modest\_Witness@Second\_Millennium. FemaleMan\_Meets\_Onco.Mouse:*

*Feminism and Technoscience*. New York: Routledge, 2018.

**LAZZARATO, M.** *Signos, Máquinas, Subjetividades*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo: n-1 Edições, 2014.

**LIMA, L. F.** O caminho depois do depois: desorientações da cisgeneridade em duas autobiografias estadunidenses. In.: *Cadernos do PET Filosofia*, Volume 14, Número 27, 2023.

**MASSUMI, B.** 99 teses para uma reavaliação do valor: um manifesto pós-capitalista. São Paulo: Glac Edições, 2020.

\_\_\_\_\_, **B.** O capital (se) move. In.: Caixa Pandemia. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

**MBEMBE, A.** *Brutalismo*. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-[1] edições, 2021 [2020] (tradução Sebastião Nascimento).

**OLIVEIRA, K. H.** Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria queer. In.: *Revista Estudos Feministas*, 2021.

**PELBART, P.P.** *O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-[1] Edições, 2013.

**PRECIADO, P.B.** *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

\_\_\_\_\_, **P.B.** *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a.

\_\_\_\_\_, **P.B.** *Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia*. São Paulo: n-1 edições, 2022b.

\_\_\_\_\_, **P.B.** *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022c.

\_\_\_\_\_, **P.B.** *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023a.

\_\_\_\_\_, **P.B.** *Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023b.

\_\_\_\_\_, **P.B.** *Orlando, minha biografia política*. 2023, Documentário, Ficção, 1h38min (Direção Paul B. Preciado; Roteiro: Paul B. Preciado).

**ROLNIK, S.** *Esféras da Insurreição: notas para uma vida não cafetimada*. São Paulo: n-[1] edições, 2018.

**SANTOS, L.** A informação após a virada cibernética. In.: SANTOS, Laymert G.; KUCINSKI, Bernardo; KHEL, Maria Rita; PINHEIRO, Walter (orgs). *Revolução tecnológica, Internet e socialismo*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 9-34.

**SILVA, D.F.** *A dívida impagável: uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

**WITTIG, M.** *O pensamento heterossexual*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.